

ESTRATÉGIAS DE COMPLEMENTAÇÃO VERBAL DE DATIVO DE 2ª PESSOA EM MISSIVAS MINEIRAS (SÉCULO XX)

*Complementation Verbal Strategies 2nd Person Dative in Mineiras
Letters (20th Century)*

*Nayara Domingues Cardoso**

RESUMO: O presente trabalho pretende investigar a produtividade das estratégias de expressão do complemento dativo de 2ª pessoa do singular (*te, lhe, a você, para você, o/a, a ti, para ti*) através da análise de cartas familiares do século XX. Tomando como base os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista e da sociolinguística histórica (cf. LABOV, 1994; CONDE SILVESTRE, 2007), objetiva-se fundamentar esta análise à luz do controle de critérios linguísticos que condicionaram as estratégias dativas de 2ª pessoa. Em termos metodológicos, os dados receberam um tratamento quantitativo com base no programa estatístico Goldvarb-X (2001). Os resultados revelam que o *dativo nulo* e os clíticos *te* e *lhe* foram as variantes dativas mais recorrentes na escrita mineira novecentista. Por outro lado, as *formas preposicionadas* apresentaram baixa frequência. Verificou-se ainda que os missivistas mineiros se mostraram conservadores no que diz respeito à “uniformidade de tratamento” recomendada pela tradição gramatical.

Palavras-chave: Dativo; Pronomes de 2ª pessoa; Missivas mineiras.

ABSTRACT: *This paper aims to investigate the productivity of dative complement expression strategies of 2nd person singular (te, lhe, a você, para você, o/a, a ti, para ti) through the analysis of familiar letters of the twentieth century. Based on the theoretical and methodological assumptions of sociolinguistics variationist and historical sociolinguistics (cf. LABOV, 1994; CONDE SILVESTRE, 2007), the objective is to support its analysis under the control of language criteria that conditioned the dative strategies 2nd person. In terms of methodology, the data received quantitative treatment based on the statistical program Goldvarb-X (2001). The results show that the nulo dative and the clitics te and lhe were the most frequent dative variants in the mineira written novecentista. On the other hand, showed low frequency in sentences*

Mestranda em Estudos Linguísticos, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos FALE/UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; orientada pela Profa. Dra. Márcia Cristina de Brito Rumeu – nayaradominguesc@hotmail.com

with prepositions forms. It was also found that the mineiros writers proved conservative with regard to the "uniformity of treatment" recommended by the grammatical tradition.

Keywords: *Dative; 2nd person pronouns; Mineiras letters.*

Considerações iniciais

O objetivo principal deste estudo é analisar a produtividade das formas alternantes de expressão do complemento dativo de 2ª pessoa do singular (*te, lhe, a você, para você, o/a, a ti, para ti*) no gênero epistolar mineiro novecentista. Tal análise objetiva contribuir para o entendimento das consequências da reorganização do sistema pronominal do português brasileiro (doravante PB) após a inserção do inovador *você* (*sujeito*) e das formas a ele vinculadas na função de complementação verbal dativa.

Vários trabalhos a respeito da variação entre as formas pronominais *tu* e *você* na posição de sujeito já foram elaborados através de diferentes perspectivas (cf. LOPES & DUARTE, 2003; MACHADO, 2006, 2011; RUMEU, 2008, entre outros), cabendo aos estudos posteriores examinar outras posições sintáticas, tal como a de dativo de 2ª pessoa (doravante 2P) que constitui o foco deste trabalho. Dessa forma, pretende-se analisar, à luz da Sociolinguística, principalmente sob a orientação Laboviana (1994, 2001), a alternância entre as formas relacionadas ao *você* e ao *tu* no contexto sintático de complemento verbal dativo.

A estrutura de complementação verbal dativa constitui o argumento interno (tradicionalmente classificado como *objeto indireto*) que é projetado por um predicador verbal de dois ou três lugares. De acordo com Mateus *et alii* (2003, p. 65-167), o dativo designa o *alvo*, a *fonte* ou o *beneficiário* da ação verbal com o traço semântico [+animado], e é cliticizável em *lhe*, como pode ser observado em (a) e (b).

(a) O concerto agradou (*a ti / a você*) → O concerto *te/lhe* agradou.

(b) Júlia deu um livro (*a ti / para ti / a você / para você*) → Júlia *te/lhe* deu um livro.

Em relação à 2ª pessoa do singular (doravante 2PS), os gramáticos tradicionais recomendam que o pronome *te* seja usado nas posições sintáticas de objeto direto e indireto, e o pronome *ti*, encetado em um sintagma preposicionado, na posição de objeto

indireto, caracterizando assim o paradigma “*tu-te-ti*”, conforme discutido por Oliveira (2014). Observa-se ainda que, de acordo com essa perspectiva tradicionalista, apenas o *tu* é considerado como pronome pessoal de 2P, sendo o *você* caracterizado como *pronome de tratamento* que semanticamente se manifesta como pronome de 2P, mas que formalmente se harmoniza com formais verbais de 3ª pessoa. Contudo, pode-se dizer que, independentemente das diferentes concepções teóricas, não resta dúvida que, atualmente, as formas *tu* e *você* coexistem, no espaço territorial brasileiro, como pronomes de referência à 2ª pessoa do discurso e revelam uma diversificação não só geográfica como também sociodiscursiva, conforme discutido por Scherre *et alii* (2009).

De acordo com Oliveira (2014, p. 20), um dos problemas em estabelecer o padrão “*tu-te-ti*” como única possibilidade está relacionado à grande utilização do *você* combinado com o *te*: “*Você* analisou o texto que *te* enviei?”. Segundo os gramáticos tradicionais, há nessa sentença uma *mistura de tratamento*, uma vez que, ao escolher o pronome de referência à 2P (*você* ou *tu*), as formas correlacionadas desse paradigma também deverão ser utilizadas nas posições de objeto direto e indireto, assim como nos possessivos. Desta forma, ao utilizar o pronome *você*, espera-se, por exemplo, o uso da forma correlata *lhe* (“*Você* analisou o texto que *lhe* enviei?”). Contudo, é possível afirmar que, por serem tão recorrentes no PB, construções nas quais o *você* está combinado com *te* não sofrem estigma social (cf. BRITO 2001 *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 06), apesar de contrariarem a recomendação da tradição gramatical.

Considerando que a reorganização do sistema pronominal do PB com a inserção da forma *você* também conduziu à ampliação do sistema de estratégias de expressão do complemento dativo de 2P, justifica-se a relevância do presente estudo. Sendo assim, busca-se descrever neste trabalho as diferentes *formas de expressão do complemento dativo de 2P* que já se mostravam produtivas no século XX, conforme está ilustrado de (01) a (06):

- (01) “Manoel *te* envia um abraço.” (carta 01 - 05.09.1931.)
- (02) “Todos de casa enviam-*lhe* lembranças.” (carta 09 - 09.09.1946.)
- (03) “Peço a benção a vovó e vovô *e a você* com carinho...” (carta 10 - 09.09.1946.)
- (04) “Mamãe e papai mandam abraços *para você*.” (carta 86 -, 30.08.1968.)

(05) “Todos enviam-*te* mil saudosos abraços, *a ti* e Maria Antonia.” (carta 17 - 06.07.1933.)

(06) “Mamãe e papai \emptyset mandam muitas lembranças.” (carta 18 - 25.11.1941.)

Em vista do exposto, foram estabelecidos os seguintes objetivos norteadores desta pesquisa: (i) investigar os critérios linguísticos (*fatores estruturais*) que subsidiaram as estratégias dativas de referência à 2PS; (ii) examinar a conservação/ruptura da “uniformidade de tratamento” na escrita dos missivistas; (iii) acompanhar a distribuição quantitativa das estratégias de dativo no decorrer do século XX.

Tendo em vista estudos anteriores, algumas hipóteses serão examinadas através do *corpus* analisado. Conjectura-se que, após a inserção do *você*, o *dativo nulo* passou a ser mais utilizado, cf. Lopes & Cavalcante (2011) *apud* Oliveira (2014, p. 21), e as formas preposicionadas *a você* e *para você*, apesar de apresentarem baixa frequência, substituíram, paulatinamente, os sintagmas *a ti* e *para ti* (cf. OLIVEIRA, 2014, p. 22).

Desta forma, buscando correlacionar os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista de base laboviana aos da sociolinguística histórica (cf. WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV 1994; CONDE SILVESTRE, 2007), pretende-se fundamentar esta análise acerca das variáveis estratégias dativas de 2P (*te*, *lhe*, *a você*, *para você*, *o/a*, *a ti*, *para ti*) que figuravam como produtivas na escrita mineira novecentista.

Estruturalmente, este texto está dividido da seguinte maneira: após esta introdução, são apresentados os principais pressupostos teóricos que nortearam este estudo. Posteriormente, descreve-se a metodologia da pesquisa, destacando os fatores linguísticos analisados. Por fim, apresentam-se os resultados gerais e as considerações finais.

1 Pressupostos teóricos

De acordo com a perspectiva Estruturalista Saussureana, a língua é entendida como um *sistema homogêneo* que pode ser sincronicamente analisado desvinculado de correlações histórico-sociais. Esse pressuposto teórico-metodológico de exclusão do *social* para a análise do *linguístico* parece limitar as possibilidades do estudo das línguas

humanas em sua completude, priorizando-se tão somente as *relações internas* estabelecidas dentro do próprio sistema linguístico, conforme discutido por Conde Silvestre (2007). Em contrapartida, segundo as orientações da Sociolinguística Variacionista de base Laboviana que aliada à Sociolinguística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007) se constituem como princípios norteadores deste trabalho, a língua é evidenciada como um sistema constituído de *heterogeneidade ordenada* movida pela variação em todos seus níveis estruturais e de uso social. À luz da perspectiva sociolinguística, é necessário analisar não só os *aspectos internos*, mas também os *fatores externos* que influenciam a variação linguística e refletem a diversidade social e cultural dos falantes.

A mudança linguística é um fenômeno gradual e paulatino, manifestando-se de maneira *estruturada* e *ordenada*. Segundo a orientação Laboviana, a língua varia e muda no presente, assim como no passado (*The uniformitarian principle*, cf. LABOV, 1994). Nesse sentido, acredita-se que através da análise linguística em sincronias passadas seja possível pormenorizar e interpretar fenômenos de variação e mudança linguística. De acordo com Gimeno (1995) *apud* Conde Silvestre (2007, p. 55), a sociolinguística histórica atribui elevada capacidade preditiva à dimensão social da variação diafásica, considerando ser possível a reconstrução dos contextos sociais do passado em virtude dos distintos estilos empregados nos documentos históricos. Desta forma, cabe aos estudos sociolinguísticos históricos, analisar as diferenças linguísticas entre o passado e o presente, correlacionando os fatores linguísticos aos sociais.

Os documentos antigos, como, por exemplo, as cartas pessoais, representam uma fonte valiosa para a pesquisa linguística, sobretudo, no que diz respeito ao estudo das formas tratamentais. Contudo, tendo em vista a diversidade de dados à disposição da sociolinguística sincrônica ou descritiva, pode-se dizer que o material linguístico disponível no âmbito da pesquisa histórica é considerado fragmentário e escasso (cf. CONDE SILVESTRE 2007). Tais considerações também estão em conformidade com alguns problemas apontados por Labov (1994) *apud* Rumeu (2013): *a imprevisibilidade de localização de documentos históricos, o baixo grau de expressividade do vernáculo dos escritores e a difícil caracterização do perfil social dos autores dos documentos históricos*. O linguista-pesquisador se vale dos textos históricos que por um acaso resistiram à ação do tempo. Muitas vezes, tais manuscritos podem não representar a

língua vernacular de uma dada sincronia passada, uma vez que é possível identificar aspectos de *hipercorreção* e *erros do escriba*. Acrescente-se ainda que devido à ausência de informações precisas sobre a identificação do escrevente, nem sempre é possível reconstituir todo o perfil social (*nacionalidade, naturalidade, filiação, profissão, histórico de vida*) dos autores dos textos.

De acordo com Hernández-Campoy e Schilling (2012) *apud* Oliveira & Souza (2013, p. 104), a *autenticidade* e a *autoria* são alguns dos problemas inerentes a uma pesquisa sociolinguística histórica. Segundo os autores, torna-se necessário, por exemplo, levantar informações histórico-sociais a respeito da história de vida (*origem, profissão, família*) dos autores dos documentos antigos numa tentativa de reconstrução do seu perfil social. Em relação à *autoria* é preciso identificar se os documentos são autógrafos, uma vez que por diferentes motivos a carta pode não ter sido escrita pelo próprio punho de quem assina a missiva. Já em relação à *autenticidade*, faz-se necessário considerar o nível de domínio do escrevente em relação à sua expressão escrita, o que também está naturalmente vinculado ao seu nível de escolarização.

Apesar de a relação estabelecida entre os interlocutores nas cartas pessoais ser naturalmente movida por variados níveis de intimidade, há de se levar em consideração o fato de as amostras, muitas vezes, representarem a produção escrita de informantes cultos. Isso se deve ao fato de os documentos disponíveis nos acervos públicos geralmente constituírem material linguístico representativo de uma parcela dotada de prestígio social. Nesse sentido, entende-se que a *autenticidade* se apresenta como mais um relevante aspecto a ser interpretado pelo linguista-pesquisador na análise dos dados históricos, uma vez que o padrão linguístico apresentado pelos autores tende a se afastar do vernáculo da época.

O *corpus* deste estudo é constituído por epístolas familiares produzidas por mineiros ao longo do século XX. As cartas foram trocadas entre a poetisa Henriqueta Lisboa e seus familiares (pais, irmãos, sobrinhos, dentre outros), revelando laços sociais de intensa intimidade entre os interlocutores. Tendo em vista especificamente os estudos linguísticos, as missivas foram organizadas e editadas pela Professora Doutora Márcia Cristina de Brito Rumeu¹, de forma diplomático-interpretativa e com *fac-símile*.

¹As missivas familiares da Coleção Henriqueta Lisboa encontram-se no Acervo dos Escritores Mineiros (FALE/UFMG).

Através da análise das cartas, verifica-se que os missivistas mineiros apresentam domínio da norma escrita e provavelmente possuem um elevado grau de escolarização. Apesar da relação estabelecida entre os interlocutores ser de grande intimidade, não se pode desconsiderar que a amostra representa “falantes cultos do século XX”, sobretudo, no que diz respeito à poetisa Henriqueta Lisboa. Tendo em vista essas considerações, pode-se dizer que, de certo modo, a *autenticidade* se apresenta como um problema para análise dos dados, uma vez que o padrão linguístico apresentado pelos autores tende a se afastar do vernáculo da época. No que diz respeito à “uniformidade de tratamento”, por exemplo, os missivistas se mostraram conservadores e utilizaram as formas mais prototípicas do complemento dativo levando em conta o pronome-sujeito escolhido (*você* ou *tu*), conforme recomendado pelos gramáticos tradicionais. Por outro lado, ao analisar os documentos que compõem o *corpus* deste estudo, percebe-se que não houve problema em relação à identificação da *autoria*, uma vez que as cartas são trocadas entre membros da mesma família e apresentam a assinatura dos remetentes.

Em vista do exposto e ciente dos limites que o *corpus* de uma pesquisa sociolinguística histórica impõe, segue o linguista-pesquisador em busca da construção de uma metodologia específica no âmbito de sociolinguística histórica para a análise de dados históricos do PB, cf. discutido por Rumeu (2014, 2013).

Tendo em vista os principais pressupostos teóricos, apresenta-se, a seguir, a metodologia desenvolvida neste trabalho.

2 Metodologia

No total, foram analisadas 113 missivas familiares resultando em 219 dados de dativo de 2PS. Com o intuito de verificar a frequência das variantes em relação aos fatores linguísticos, os 219 dados foram submetidos ao programa estatístico Goldvarb-X (2001). Contudo, cabe destacar que a quantidade de dados foi insuficiente para calcular o peso relativo das variáveis independentes em relação às variantes. Através do cruzamento dos dados, optou-se por analisar a distribuição geral dos dados das estratégias de dativo de 2P no decorrer do século XX e correlacionar as variantes à estratégia pronominal utilizada pelo missivista (*você* ou *tu*).

Por meio do controle de dados das estratégias de dativo de 2PS ao longo do século XX, torna-se possível observar em que intervalo de tempo determinadas

variantes passam a ser mais ou menos utilizadas. Por outro lado, ao controlar a variável linguística “sujeito pronominal”, é possível observar se a forma do complemento dativo escolhida pelo missivista acompanha o paradigma do pronome-sujeito, conforme recomendado pela tradição gramatical.

Três subsistemas pronominais de tratamento podem ser utilizados em cartas: uso exclusivo de *tu*, uso exclusivo de *você*, e *alternância de tratamento*, ou seja, quando o missivista alterna os dois pronomes (*tu* e *você*) em uma mesma carta (cf. LOPES e CAVALCANTE, 2011 *apud* OLIVEIRA & SOUZA *et alii*, 2013, p.108). No entanto, em nenhuma das 113 epístolas familiares analisadas neste estudo evidenciou-se uma *alternância de tratamento* (*tu* ~ *você*) em uma mesma carta. Na verdade, verificou-se o uso exclusivo de *tu*, o uso exclusivo de *você*, ou algum outro *tratamento alternativo* (Senhor, Cara madrinha, dentre outros).

Expostos os fatores e a caracterização do *corpus*, passa-se à análise geral dos resultados, correlacionando as estratégias de dativo às formas pronominais utilizadas na posição sintática de sujeito.

3 Análise dos resultados

Foram encontradas 219 ocorrências de dativo de 2PS nas 113 cartas mineiras novecentistas. A tabela 1 apresenta a distribuição geral dos dados encontrados:

ESTRATÉGIAS DE EXPRESSÃO DO DATIVO DE 2P								
TE	LHE	PARA VOCÊ	ZERO	A VOCÊ	A TI	SPREP.+TU	SPREP.+VOCÊ	O/A
35/219	96/219	08/219	62/219	13/219	01/219	02/219	01/219	01/219
(15,9%)	(43,8%)	(04%)	(28,3%)	(5,9%)	(0,4%)	(0,9%)	(0,4%)	(0,4%)

Tabela 1: Distribuição geral dos dados das estratégias de dativo de 2P nas cartas mineiras novecentistas.

Observa-se que o clítico *lhe* foi a variante dativa mais recorrente na escrita mineira novecentista: foram 96 ocorrências, o que representa 43,8% do total da amostra. As outras duas variantes que registraram maior frequência foram o *dativo nulo*, com 62 ocorrências (28,3%), e o clítico *te*, com 35 ocorrências (15,9%). Verifica-se ainda que, entre as *variantes preposicionadas*, as formas *a você* (5,9%) e *para você* (04%) foram as que apresentaram maior frequência. Todas as demais variantes totalizadas juntas (*a ti*, *sprep.+tu*, *sprep.+você*, *o/a*) representam apenas 2,1% do total da amostra.

Após apresentação geral dos dados, é importante analisar a distribuição das estratégias de dativo de 2PS no decorrer do século XX, conforme o gráfico 1:

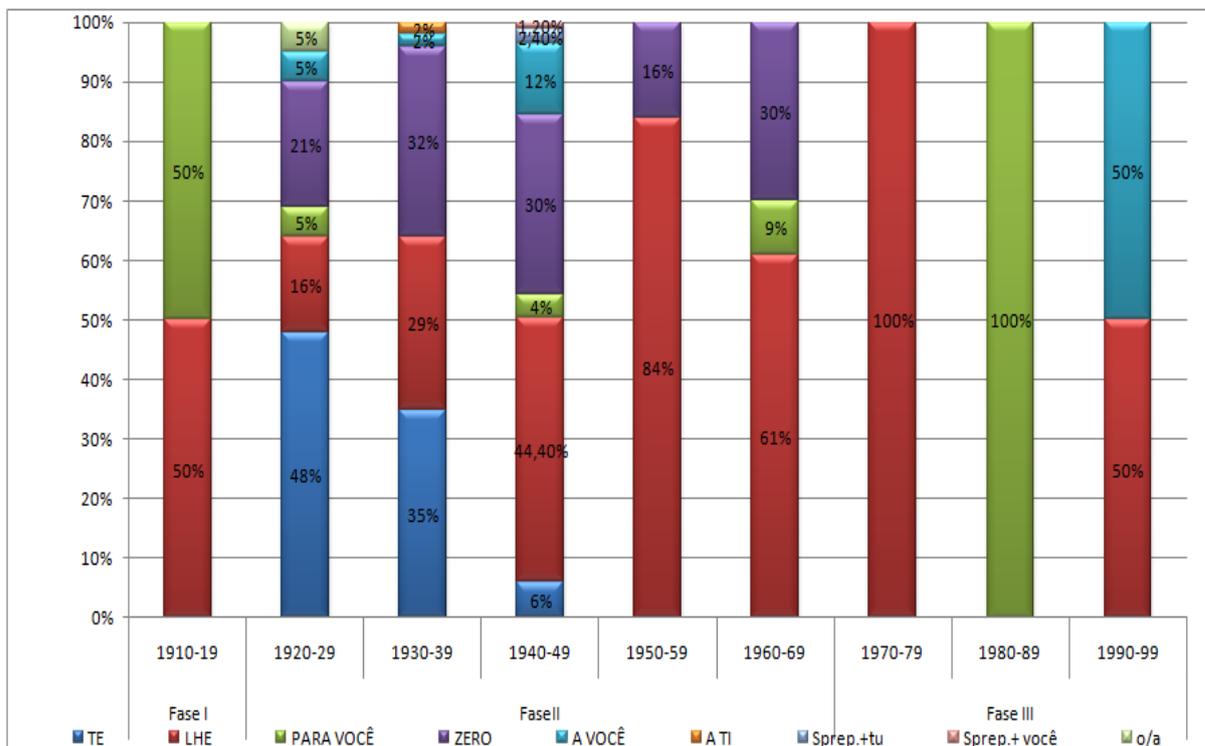


Gráfico I: Distribuição das estratégias de dativo no decorrer do século XX (1910-1999)

Os dados estão distribuídos em três períodos: **Fase I** (1910-1919), **Fase II** (1920-1969) e **Fase III** (1970-1999). Faz-se necessário destacar que a quantidade de cartas que compõem as fases I e III é muito pequena. Por se tratar de uma pesquisa sociolinguística histórica, é preciso levar em conta os limites que o *corpus* impõe ao trabalho. Tendo em vista que o linguista-pesquisador conta apenas com os documentos que sobreviveram à ação do tempo, muitas vezes não é possível conseguir uma quantidade simétrica de manuscritos de um mesmo período para compor a amostra.

Feita essas ressalvas, pode-se dizer que, devido à pequena quantidade de missivas, é improvável afirmar, por exemplo, que entre 1980 e 1989, o uso da forma preposicionada *para você* foi categórico. Vale ressaltar que em relação às fases I e III, é possível fazer apenas observações superficiais e cautelosas. Já a fase II é mais elucidativa, uma vez que a quantidade de cartas que compõem a amostra é mais ampla, o que torna possível realizar observações mais significativas. Observa-se nessa fase, por exemplo, um aumento do uso do *lhe* (16% (1920-29) → 29% (1930-39) → 44,4% (1940-49) → 84% (1950-59)), no momento em que o *você* parece se inserir, entre 1925 e 1945, com mais intensidade como pronome de 2P, cf. Duarte (1993), Lopes e

Cavalcante (2011), Rumeu (2013), Rumeu (2014). Em contrapartida, verifica-se nesse mesmo período uma diminuição do uso de *te* (48% (1920-29) → 35% (1930-39) → 6% (1940-49)), que após 1949, não figurou em nenhuma ocorrência da amostra. Já o *dativo nulo*, apresenta uma frequência significativa ao longo da fase II (21% (1920-29) → 32% (1930-39) → 30% (1940-49) → 16% (1950-59) → 30% (1960-69)).

Com o intuito de verificar se a posição sintática de pronome-sujeito exerce algum condicionamento em relação ao complemento dativo, torna-se necessário correlacionar as variantes à estratégia pronominal utilizada pelo missivista (*você, tu, tratamento alternativo*), conforme ilustra o gráfico 2:

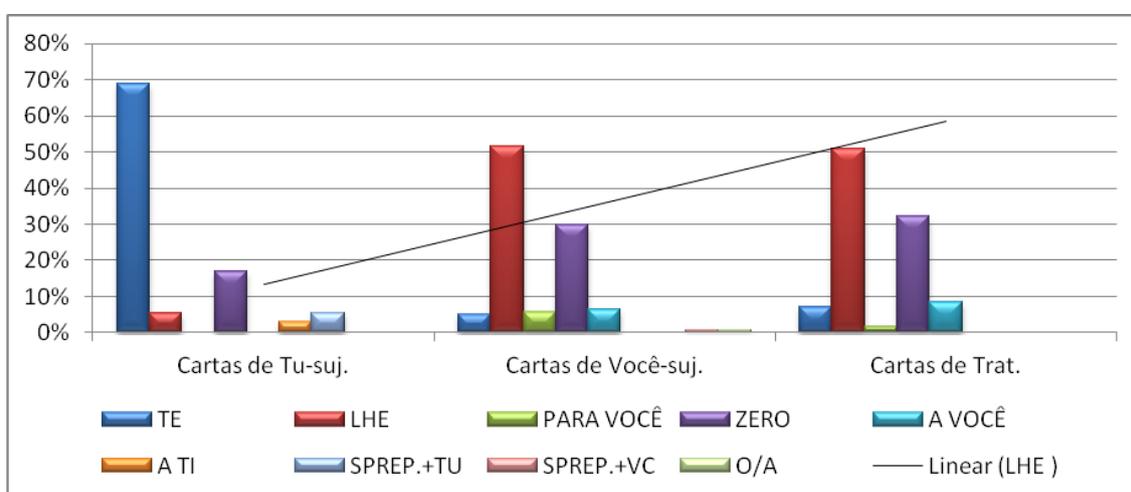


Gráfico 2: Correlação entre as formas de dativo de 2P do sg. e os pronomes-sujeito de 2P do sg.

Verifica-se que nas cartas de *Tu*-sujeito, a variante predominante foi o clítico *te* (69%). Já em relação às cartas de *Você*-sujeito e de *tratamento alternativo*, predominou o uso do *lhe*, 51,60% e 50,80%, respectivamente. Desta forma, verifica-se que de certo modo a posição sintática de sujeito exerce um condicionamento em relação ao complemento dativo, uma vez que os missivistas mineiros se mostraram conservadores e utilizaram predominantemente as formas prototípicas, considerando o pronome escolhido na posição de sujeito (*tu* ou *você*). Por outro lado, construções consideradas pela tradição gramatical como “mistura de tratamento”, como, por exemplo, o uso do *lhe* combinado com o *tu*, e uso do *te* combinado com o *você*, apresentaram um percentual muito baixo do total da amostra: 5,50% e 5%, respectivamente.

Ainda sobre o gráfico 2, verifica-se que a linha de projeção demonstra a ascensão do uso do *lhe* considerando as três estratégias utilizadas pelo missivista: uso do *tu*, uso do *você*, uso de *tratamento alternativo*.

Por fim, conclui-se a análise dos dados de dativo de 2PS retomando algumas questões principais: o clítico *lhe* foi a variante dativa mais recorrente na escrita mineira novecentista, representando 43,8% do total da amostra. Observa-se a *expressão nula* do dativo em avanço, mostrando-se em competição com o *lhe* (28,3% vs. 43,8%), principalmente a partir de 1940. O momento em que o *você* parece se inserir com mais vigor como pronome de 2P, entre os anos de 1925 e 1945 (cf. DUARTE, 1993, LOPES & CAVALCANTE, 2011, dentre outros), coincide com o período em que há um aumento gradual do uso do *lhe* como complemento dativo (16% (1920-29) → 29% (1930-39) → 44,4% (1940-49) → 84% (1950-59)). Por outro lado, nesse mesmo período o uso do *te* passa a ser cada vez menos frequente (48% (1920-29) → 35% (1930-39) → 6% (1940-49)), o que pode indicar uma menor utilização do *tu*-sujeito em favorecimento do uso de *você*, considerando que no espaço mineiro o *você* se firmou, paulatinamente, como principal pronome de referência à 2PS. Conforme hipótese levantada, as formas preposicionadas *a você* e *para você*, apesar de apresentarem baixa frequência (5,9% e 4%, respectivamente), parecem ter substituído, gradativamente, os sintagmas *a ti* (0,4%) e *para ti* (0%) (cf. OLIVEIRA, 2014). Por fim, é importante ressaltar que os missivistas mineiros mostraram-se conservadores no que diz respeito à “uniformidade de tratamento” aconselhada pela tradição gramatical. Constata-se que a posição sintática de sujeito de certo modo condiciona o uso do complemento dativo, uma vez que os missivistas tendem a usar predominantemente as formas correlatas do paradigma do pronome escolhido (*tu* ou *você*).

Considerações finais

Este estudo procurou apresentar alguns resultados gerais a respeito da produtividade das *formas alternantes de expressão do complemento dativo* de 2PS na escrita mineira novecentista. Apesar dos limites que o *corpus* de uma pesquisa sociolinguística histórica impõe, caminha o pesquisador em busca de metodologias específicas com o intuito de melhor descrever o fenômeno linguístico em estudo.

As missivas representam uma fonte valiosa para o estudo da variação pronominal de 2P no PB, e apesar das limitações da amostra, as conclusões gerais deste estudo estão em conformidade com alguns resultados de outros trabalhos (cf. OLIVEIRA, 2014; LOPES e CAVALCANTE, 2011; RUMEU, 2014). Contudo, tendo em vista perspectivas futuras, torna-se necessário submeter os dados à análise das variáveis sociais (gênero, faixa etária, procedência da missiva), a fim de sistematizar não só as condições *estruturais*, mas também as *sociais* que subsidiam a regra variável em análise.

Referências

- CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, p. 107-128, 1993.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- _____. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Cambridge: Blackwell, 2001.
- LOPES, C. R. dos S.; CAVALCANTE, S. R. O. A cronologia do voceamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Linguística*, Madrid, v. 25, p. 30-65, 2011.
- LOPES, C. R. dos S.; DUARTE, M. E. L. De Vossa Mercê a Você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (orgs.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*, Rio de Janeiro, 1ª ed., p. 61-76, 2003.
- MACHADO, A. C. M. *A implementação de "você" no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*, 2006, 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas), Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- _____. *As formas de tratamento nos teatros brasileiro e português dos séculos XIX e XX*, 2011, 237 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas), Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MATEUS, M. H. M. *et alii. Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.
- OLIVEIRA, T. L. de. *Entre o Linguístico e o Social: complementos dativos de 2ª pessoa em cartas cariocas (1880-1980)*, 2014, 166 f. Dissertação (Mestrado em Língua

Portuguesa), Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, T. L. de; SOUZA, C. D. de. A representação da 2ª pessoa nas posições de complemento: o papel da categoria social. *Working Papers em Linguística*. Florianópolis, v. 14, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p100>> . Acesso em: 08/abril/2016.

RUMEU, M. C. de B. *A implementação do 'você' no português brasileiro oitocentista e novecentista: um estudo de painel*, 2008, 276 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas), Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. *Língua e sociedade: a história do pronome 'Você' no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.

_____. *'Tu' ou 'você', 'te' ou 'lhe'?: a correlação entre as funções de sujeito e complemento verbal de 2ª pessoa*. [no prelo]. 2014.

SCHERRE, M. M. P. *et alii*. *Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro*. Comunicação apresentada no II SIMELP. Évora: Universidade de Évora, 2009.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo, Parábola, 2006 [1968]. (Tradução: Marcos Bagno)